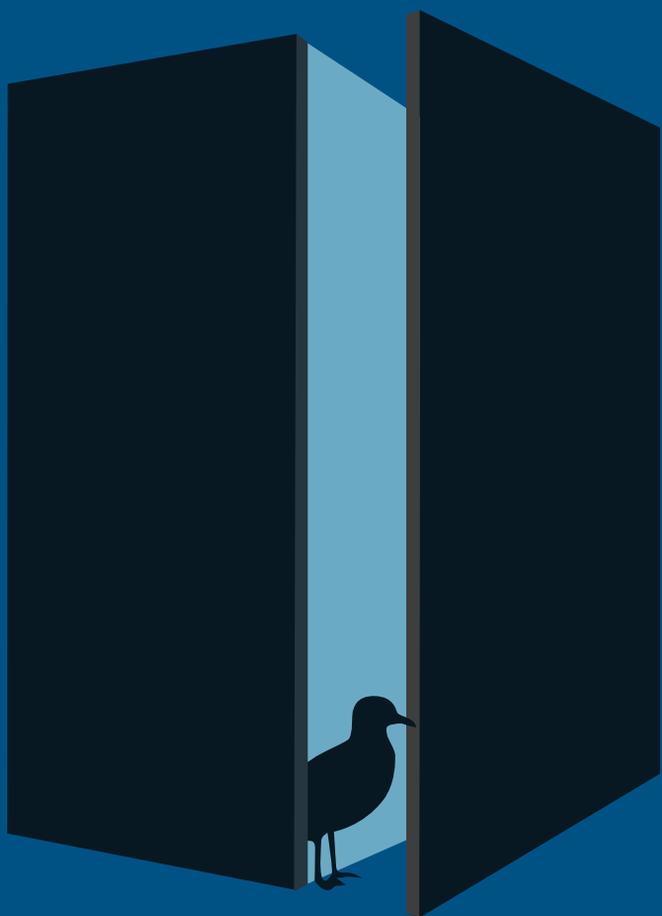




Teolinda Gersão [©]

Atrás da porta
e outras histórias



TEOLINDA GERSÃO

ATRÁS DA PORTA
E OUTRAS HISTÓRIAS

Atrás da porta

É verdade que o letreiro na sua porta diz «Psiquiatra», mas como vou saber se o senhor é realmente psiquiatra, ou finge ser?

Admitindo que me mostrava a sua carta de curso e o certificado da especialização, como poderia eu ter a certeza de que não eram falsos? Por aqui já vê como é frágil a posição de quem entra por uma porta com um letreiro igual ao seu.

Não quero ofendê-lo, mas há cada vez mais corrupção no mundo de hoje, o senhor sabe isso, até melhor do que eu: deve ter visto há dias na TV, como toda a gente, o caso de um falso psiquiatra. Estava na cara que o homem era um charlatão, bastava abrir a boca, mas conseguiu enganar muitas pessoas. Pois, há coisas que entram pelos olhos dentro mas ninguém as vê.

É verdade que os médicos são uma corporação muito fechada e se encobrem uns aos outros como família. Provavelmente têm telhados de vidro, e nenhum quer atirar pedradas. Não sou eu que digo, é uma opinião generalizada, sobretudo em relação ao campo da saúde mental, em que tudo é secretismo e o controlo é escasso. No entanto, cá fora, apesar disso, vamos sabendo coisas. Claro que vocês

também sabem, e até muitas mais, mas nunca falam. Não falar é mesmo a vossa especialidade, já sabemos disso.

Mas pode tomar nota, doutor: Não basta aprender uma cartilha e sentar-se aí, com o dinheiro a entrar no bolso, a cada minuto que passa. Ser bom médico tem muito mais que se lhe diga. Como diz o fado, não é quem quer, é quem calha. É preciso força, coração e algum bom senso, que é o que mais falta, sobretudo na saúde mental, o senhor não acha?

Não responde, claro, o que havia o senhor de responder?

Se eu lhe perguntasse se o senhor é um bom psiquiatra, o que me dizia? Mas claro que nem pergunto, porque se alguém pode avaliar isso sou eu.

Pois digo-lhe uma coisa, doutor, acredite ou não: quem consulta um médico sente logo a diferença. Até os animais avaliam quem cuida deles, e não sabem ler nem escrever e não falam. No entanto sabem. O senhor nunca teve um cão?

Ah, não se impaciente, sei que não é veterinário e não venho contar-lhe histórias do meu cão, estou a rir-me porque o senhor meteu o pé na argola. Não era suposto ficar impassível e deixar-me falar sobre o meu cão, ou sobre o que eu quiser? Sim, o tempo que paguei já está comprado, e é para o senhor me ouvir, o que quer que eu diga. Isto, bem entendido, se o senhor tiver a honestidade de não carregar interiormente num botão qualquer, e desligar.

Como assim, pergunta agora?

O facto é que na palavra «cão» o senhor não me interrompeu, mas cruzou a perna com veemência. Eu diria mesmo com alguma violência. Como se dissesse: «Isto é demais.» Ou: «Nada a fazer, este é doido varrido.» Ou ainda: «Valha-me Deus, que mais histórias de cães vou ter de ouvir?»

E isso não devia acontecer.

Bom, mas posso desculpar-lhe esse erro e passar adiante, claro que ninguém é perfeito.

Na verdade, nestas primeiras impressões, até simpatizo um bocado consigo, posso mesmo dizer que empatizo:

O senhor não é novo nem velho, mas de meia-idade como eu, e tem um ar mais ou menos afável (no entanto, ainda precisarei de ver se esta apreciação se confirma). Também os seus óculos me agradam e de certo modo me tranquilizam, dão-lhe um ar ligeiramente antiquado, esses aros grossos estão fora de moda. A sua forma de vestir, despretensiosa e casual, faz-me também sentir à vontade. Esta sala parece de uma casa habitada e é-me vagamente familiar, apesar de tudo aqui ser minimalista. Gosto sobretudo daquele quadro na parede, mas não tenha receio, não vou ser indiscreto nem perguntar-lhe nada sobre ele.

Até porque não quero perder tempo, antes de comunicar-lhe o que me trouxe aqui.

Bem, entremos então no assunto. O caso é este, doutor: Preciso de saber se estou louco, ou se é o mundo que enlouqueceu.

Qualquer das hipóteses me parece possível, e ambas são igualmente apavorantes. Mas preciso de saber qual é a verdadeira. É isso o que venho perguntar-lhe.

Como calcula, esta questão é para mim vital.

Já sabia que me ia fazer essa pergunta, doutor, mas não tenha pressa, vou já explicar como isto começou:

Até certa altura vivi como toda a gente, sem me preocupar com nada, além da minha vida. Depois houve uma guerra, julgo que a do Golfo, ou talvez outra, já nem sei o

nome, de qualquer modo foi a primeira que passou em directo na televisão, o senhor está lembrado?

Pois, vim para casa curioso, como toda a gente. A reportagem tinha sido anunciada em tudo quanto era mídia, e esperava-se, como é natural, algo em grande escala. A expectativa aliás era tanta que já semanas antes a vida parecia menos monótona e as preocupações menores, na cabeça de cada um.

Não se ousava admitir isso, nem por sombras, mas aposto que não havia ninguém que secretamente não se regozijasse com a ideia de correr para casa no dia marcado, ligar o televisor e ver aquele programa, que prometia ser muito melhor que futebol, boxe ou luta livre, melhor que qualquer desporto, *derby* político, resultados eleitorais, desastres calamitosos, pornografia ou *reality shows*.

Porque, dessa vez, ia ser a realidade que olhávamos, era o mundo, ele mesmo, que estava em jogo. E nós assistíamos a esse jogo, sentados no sofá, com os nossos próprios olhos: através de continentes e mares, íamos ver o grande jogo do mundo a ser-nos servido de bandeja.

Nunca na vida tive uma sensação tão forte de poder: O que quer que vissemos – e esperávamos ver o inimaginável – estávamos a salvo. Milhões de pessoas podiam morrer, milhares de mísseis explodir – cidades incendiadas, edifícios ruírem, rua após rua, multidões correrem, serem mortas ou desalojadas, dormirem ao relento, a fome instalar-se, surgirem doenças e epidemias – mas nós estaríamos a salvo.

No entanto, a transmissão do ataque, logo na primeira noite, foi decepcionante. Esperava-se algo como nunca se vira, uma farândola de mísseis como um fogo-de-artifício,

as prometidas trinta mil bombas, ou talvez fossem trezentas mil, não me recordo, em apenas quarenta e oito horas. Mas não foi mais do que uma dúzia de mísseis que apareceram ao longe, sem grandes resultados visíveis.

«Decapitação», acho que era esse o nome sonante da operação inaugural, mas no entanto ninguém foi decapitado. Diziam que o grande tirano continuava vivo, a menos que fosse desinformação, porque no campo da informação-desinformação se travava, paralelamente, outra batalha. Talvez fosse um sócia a tomar o lugar do tirano nas filmagens, especulou-se.

O inimigo, ou o homem que supostamente era o seu rosto, surgira envelhecido, aparentando ser mais gordo e mais feio, e falando ao povo sem a farda habitual. Claro que essa parte só podia ser falsa e ter sido filmada pela TV do inimigo, não era no meio de uma «Decapitação» que um líder aparecia para falar ao seu povo. Talvez fosse de facto um sócia, ali diante das câmaras, e o verdadeiro inimigo estivesse morto, ou fugido. No entanto, para mim, esse pensamento era um fraco consolo, no meio de tudo aquilo – que realmente foi decepcionante: As notícias e imagens repetiam-se, por falta de assunto, os canais apressaram-se a convocar generais, peritos, comentadores políticos, e cada um reiterou o que toda a gente já sabia.

Foi café recozido e refervido que nos serviram, e não era para isso que pagávamos a taxa da televisão. Tínhamos corrido para casa, e afinal era um *flop*. Queríamos acção, demonstração de força, vitória logo decidida e esclarecida, para o nosso lado. O triunfo total, como sempre acontecia, quando o nosso país entrava em cena.

Ninguém disse nada, continuámos a comer aperitivos, a beber *whisky, brandy, gin* ou *Coca-Cola*, e a espreguiçar-nos de tédio, derramados no sofá, nessa noite e nas seguintes. Mas era um *bluff*, sim. Um *bluff*. Valiam muito mais como espectáculo os filmes de guerra, em que tudo era encenado para as câmaras, as missões impossíveis a uma velocidade alucinante, as grandes explosões de fogo, aviões lançados de pistas minúsculas, soldados saltando de pára-quedas no meio do mar, aviões largando bombas em voos rasantes, sobre alvos cirurgicamente assinalados.

Tinham-nos prometido assistir em directo ao teatro de guerra, mas o teatro estava morto, fora abatido pelo cinema, que nos entrava em casa, num *écran* do tamanho da parede, e com uma definição tão alta que caíamos para dentro das imagens. Era isso que tínhamos e era isso que queríamos, vivíamos assim, sugados por *écrans*, e acabando por não distinguir o que era real e o que não era. Tínhamos passado, sem dar conta, para um mundo já convertido em ficção. E, por causa da ficção em que vivíamos, a pobreza da realidade, das poucas vezes que nos aparecia, era confrangedora.

Nessa noite senti que, pela primeira vez, eu abria uma porta e via o que se escondia atrás dela. Nunca mais voltei a sentar-me confortavelmente no sofá. Passei a duvidar de tudo, começando por duvidar de mim. Como poderia eu ter sido a esse ponto inconsciente?

Dias ou semanas depois, percebi que há portas que, uma vez abertas, nunca mais se voltam a fechar, e o que se passava atrás delas fica para sempre visível. Suponho que o senhor sabe disso. Ou será que nunca deu conta, e por isso não vamos, de todo, poder entender-nos, o senhor e eu?

Não pense que o que lhe conto é coisa pouca, doutor. Para mim foi uma espécie de erupção vulcânica, um mar de lava entrando pela sala dentro. Debaixo dessa lava, todas as minhas certezas ficaram sepultadas. De certo modo perdi a minha casa, e a minha vida. Passei a sobreviver sem tecto, num cenário angustiante, em que nada faz sentido.

A pouco e pouco, e com grande esforço, porque esta minha angústia dura há muito tempo, tenho tentado juntar peças soltas, aqui e ali, e talvez agora comece a vislumbrar um padrão. Mas é tão absurdo e assustador que me sinto louco.

Preciso que o senhor me diga se sou eu que estou louco, ou se a realidade é esta, e foi o mundo exterior que enlouqueceu.

Veja então o que me ocorre, porque é a única explicação que encontro: Imagine que as guerras se fazem só para ganhar dinheiro, para testar novas armas, fazer explodir as obsoletas e correr a fabricar mais, para uso próprio e do inimigo. Porque na verdade deixou de haver inimigo, nós mesmos nos tornámos o inimigo. Vendemos assim armas para ambos os lados dos conflitos, e nem contabilizamos as nossas baixas, porque acreditamos que as do outro lado serão sempre maiores. Tornámo-nos uma máquina autodevoradora, antropofágica. A guerra é imparável porque já não podemos sobreviver sem ela, é a nossa principal fonte de receita. Vivemos por isso numa guerra constante, os breves períodos de paz só existem para fabricar e aperfeiçoar novas armas, cada vez mais mortíferas. As que ontem eram proibidas são hoje permitidas, ontem nucleares, hoje químicas,

ou biológicas, amanhã serão outras, porque a máquina não pára, e é para a servir que existimos.

É nisto que estamos, realmente, doutor? Num mundo em que tudo é caos e se vive à beira do colapso? É o salve-se quem puder, numa selva de todos contra todos?

Mesmo o que parece ser racional, como a política, é um jogo irracional, absolutamente corrupto, com as cartas viciadas à partida? Exigimos sempre mais e mais e mais, ambicionamos dominar o mundo e somos programados e formatados, queiramos ou não, por uma rede electrónica de milhões de fios que nos impedem de perceber o que realmente se passa, e, porque nada se sabe, não se dá conta disto, vive-se o dia-a-dia, sem querer saber de mais nada, como eu próprio já fiz? Mas agora não posso, doutor, porque comecei a ver. Sei que estou no meio «disto», mas o que vejo é aterrador:

A espécie humana não vale nada. É capaz de progresso tecnológico, mas incapaz de qualquer progresso moral, e mesmo de sensatez. O que nos move é a ganância do dinheiro e do poder para esmagar os outros e sobreviver sobre as suas vidas, tentando impedir que nos vençam e sobrevivam sobre as nossas. É um jogo imparável, de um lado ou de outro, o amigo e o inimigo são iguais. Nem pode haver amigos, doutor, apenas inimigos, é um jogo de todos contra todos.

O que vale, neste mundo, a vontade de um homem? Não vale nada, doutor. Isto, partindo do princípio, ainda não provado, de que continuamos humanos. Mas, na minha opinião, já deixámos de o ser.

Por isso agora lhe pergunto, e espero de si a maior sinceridade: O que vai na sua cabeça é também isto?

Compreenda-me, por favor, preciso absolutamente de saber, como se olhasse um espelho, se o senhor pensa como eu, portanto, se as minhas preocupações são normais, e não estou louco.

Foi para conhecer a sua cabeça que aqui vim. É só isso que me interessa, doutor: o interior da sua cabeça.

– Meu caro, o que posso garantir-lhe é que o mundo não está louco, não tenha a mínima dúvida sobre isso, atalhou o psiquiatra peremptoriamente, como se tivesse acabado o tempo da consulta.

E um segundo depois concluiu:

– A sua visão do mundo é que é desajustada.

– Quer o senhor dizer que estou louco?, sobressaltei-me.

– Não foi isso o que eu disse, respondeu ele com calma, medindo cada palavra. Acho que precisa de ajuda, mas infelizmente não posso aceitar o seu caso. Sugiro que consulte outro colega meu.

– Então o senhor não aceita a minha perspectiva, concluí devagar, também eu medindo as palavras. Pelo menos para si, sou um caso perdido.

– Não foi isso o que eu disse, caro senhor, repetiu ele com bonomia. Não ponha na minha boca palavras que não são minhas. Mas ficamos por aqui, rematou, levantando-se. O nosso tempo terminou.

Na verdade o meu tempo não tinha terminado. Olhei para o relógio, mas ele interrompeu, de modo abrupto, o que quer que eu fosse ainda dizer.

– Acabámos a sessão, determinou. O que eu tinha a dizer, já lho disse.

Estendeu-me a mão, num gesto aparentemente descontraído:

– Tenha um bom dia, desejou-me com ar convicto.

– Obrigado, doutor, respondi com alívio.

Paguei e saí, realmente satisfeito:

À medida que eu falava, notei que o psiquiatra ia ficando cada vez mais inquieto, e por fim, quando se levantou, achei que tinha a expressão alterada de terror. A tal ponto que desistira de me marcar outras consultas, preferindo perder uma fonte de receita garantida.

Eu tinha ganho portanto em toda a linha:

É o mundo que está louco e não eu, concluí. Ele sabe o mesmo que eu sei. Só que é um segredo que ninguém pode conhecer, de contrário os países desmoronar-se-iam, como um monte de pedras mal seguras.

Pelo mal-estar que eu lhe causava, ia ficando para mim cada vez mais claro que, se continuasse a ouvir-me, o homem tinha medo de poder vir a ser considerado meu cúmplice.

Sou um perigoso agitador, pelo menos potencialmente, concluí, rindo com os meus botões, enquanto atravessava a rua. Por isso ele se quis livrar de mim e quase me pôs fora do consultório.

Tenho de ter cuidado e de conhecer as pessoas com quem falo, decidi. Se começar a propagar este segredo aos quatro ventos serei morto amanhã, ou hoje mesmo. E ficará provado, em todos os tribunais, que foi um mero acaso, um acidente inexplicável, uma qualquer bala perdida.

Há coisas que ninguém pode saber, concluí respirando fundo. Se fossem conhecidas, tudo mudava. Tudo. Mas é isso que eles querem evitar a todo o custo.